

SEPARATISMOS SUL-BRASILEIROS: A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO

SOUTHERN BRAZILIAN SEPARATISMS: THE CONSTRUCTION OF IDEOLOGY

SEPARATISMOS DEL SUR DE BRASIL: LA CONSTRUCCIÓN DEL IDEARIO

Murilo Fernandesⁱ  

Resumo: O presente trabalho aborda o separatismo na região sul do Brasil, no qual são analisados movimentos separatistas que surgiram na década de 1990, tratando especificamente de três: *República do Pampa Gaúcho*, *O Sul É O Meu País* e *Rio Grande Livre*. Ademais, a questão de como os discursos desses grupos foram construídos, seus embasamentos — vide Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, até diferenças culturais entre regiões brasileiras e fatores econômicos também serão tratados. Dessa forma, auxiliará numa melhor compreensão a respeito da construção das identidades, da memória, dos heróis, e da região, além de como isso é utilizado por separatistas. Utilizando-se dos textos e pesquisa prévia, somados às referidas obras da disciplina supracitada, é possível entender como atuam os grupos separatistas e como a pauta esmorece conforme governos de direita e extrema direita ascendem.

Palavras-chave: Separatismo. Região Sul. Política.

Abstract: The present work deals with separatism in the southern region of Brazil, in which separatist movements that emerged in the 1990s are analyzed, specifically dealing with three: *República do Pampa Gaúcho*, *O Sul É O Meu País* and *Rio Grande Livre*. Furthermore, the issue of how these groups' discourses were constructed, their foundations — see Sesquicentennial of the Farroupilha Revolution, even cultural differences between Brazilian

ⁱPossui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (2018). Atua como professor de História e Ciências Humanas na rede pública e privada de Educação Básica.

regions and economic factors will also be addressed. In this way, it will help in a better understanding of the construction of identities, memory, heroes, and the region, as well as how this is used by separatists. Using the texts and previous research, added to the aforementioned works of the discipline, it is possible to understand how separatist groups operate and how the agenda fades as right-wing and extreme-right governments rise.

Keywords: Separatism. South Region. Politics.

Resumen: El presente trabajo aborda el separatismo en la región sur de Brasil, en el cual se analizan movimientos separatistas que surgieron en la década de 1990, tratando específicamente tres: República del Pampa Gaúcho, O Sul É O Meu País y Rio Grande Livre. Además, se examina cómo fueron contruidos los discursos de estos grupos, sus fundamentos —véase Sesquicentenario de la Revolución Farroupilha—, así como las diferencias culturales entre las regiones brasileñas y los factores económicos. De esta manera, se facilita una mejor comprensión sobre la construcción de identidades, memoria, héroes y la región, además de cómo esto es utilizado por los separatistas. Utilizando textos y investigaciones previas, sumados a las obras mencionadas de la disciplina en cuestión, es posible entender cómo operan los grupos separatistas y cómo la agenda se desvanece a medida que los gobiernos de derecha y extrema derecha ascienden.

Palabras clave: Separatismo. Región Sur. Política.

INTRODUÇÃO

O advento dos separatismos no final do século XX e início do século XXI é um tema desafiante a ser pesquisado, pois além de ser um processo ainda em andamento, trata-se de algo complexo e abrangente, visto que vários vieses devem ser levados em consideração, a exemplo de fatores culturais, sociais, políticos, econômicos, e até religiosos, acerca desses grupos e dos contextos nos quais estão inseridos.

Ao redor do mundo diversos países viveram ou ainda vivem embates entre sua própria população - que não raras vezes descamba para conflitos armados e guerras civis - desejando separar uma região do país e criar uma nova nação independente. Como alguns exemplos, teríamos os Estados Confederados, que almejavam separar-se dos Estados Unidos, ocasionando a Guerra de Secessão; o País Basco e a Catalunha – que buscam tornar-se nações independentes

da Espanha; a Córsega almejando independência sobre a França; Kosovo que entrou em guerra com a Sérvia pela separação, mas que ainda vivem um impasse; dentre tantos outros maisⁱⁱ.

Há Estados que englobam várias nações, há nações com mais de um Estado. Em alguns países sobra Estado, em outros sobra nação, ou sobram nações. Além disso, a relação entre os dois assume formas diversas: às vezes o Estado cria a nação, às vezes é o oposto que se dá, às vezes criam-se os dois mutuamente. A natureza da relação e a maior ou menor força do ingrediente nacional poderão favorecer ou dificultar a imaginação das novas formas sociais (CARVALHO, p.1, 2003).

Vale ressaltar que cada uma das situações citadas, possuem suas próprias particularidades, no entanto, são semelhantes em diversos pontos. É possível perceber que em boa parte dos movimentos separatistas há um flerte notável com o nacionalismo, e um forte apreço e grande atenção destinada à construção dos discursos e dos símbolos utilizados pelos movimentos (ANDERSON, 2005). No Brasil, movimentos separatistas existem desde o período imperial, e muitos mais foram surgindo no decorrer do tempo.

Nas décadas de 1990 e 2000, devido a quantidade de movimentos que surgiram – junto com suas complexidades – tornou bastante difícil precisar em números quantos existem, mas geralmente, dos que se tem conhecimento, também está presente o tal flerte com o nacionalismo, o apreço e o cuidado com a construção de discursos e símbolos, além do regionalismo. “A região torna-se caminho – e não obstáculo – para se entender uma totalidade que a inclui” (BARROS, 2022, p. 27). Tratando-se da região Sul, há ainda as questões da geografia, economia e cultura, e especificamente no Rio Grande do Sul, os “heróis gaúchos”.

A ideia de “região”, neste sentido mais específico, associa-se à noção de que temos agora um lugar que se apresenta, ele mesmo, como sistema – com sua própria dinâmica interna, suas regras, sua totalidade interna – e que habitualmente se encontra ligado ou a uma rede de outras localidades análogas, ou a um sistema mais amplo - por exemplo, as várias regiões econômicas ou políticas que, no período do escravismo colonial, ligam-se a este sistema nacional mais amplo, a uma rede comercial mais abrangente, ou a qualquer outra realidade que termine por se apresentar como um sistema de sistemas (BARROS, 2022, p. 48).

ⁱⁱ Há também casos de movimentos que almejam a separação, mas não para criar uma nova nação, e sim anexar-se a outro país, como no caso do movimento separatista da Crimeia, que buscava separar-se da Ucrânia para integrar a Rússia.

Ao se tratar de separatismo no Brasil, um dos estados mais notórios em questão é o Rio Grande do Sul, pois, de 1990 em diante, três movimentos relativamente grandes e organizados surgiram, além de outros menores que acabaram por ser englobados por eles. Um fator preponderante para esses surgimentos são as celebrações do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha em boa parte do Rio Grande do Sul, e toda a construção e divulgação criada na época para justificar tal celebração e gerar engajamento, comoção, identidade e unidade.

No Rio Grande do Sul as celebrações iniciaram em 1985, mas por volta de 1982 e 1983, tais ideias já vinham ganhando muita força, a ponto de em 1984 tornarem-se realidades por meio de decretos governamentais dos quais foram instituídos vários preparativos para o ano seguinte. Preparativos estes que refletiram no ensino sobre a história do Rio Grande do Sul (mais especificamente construções sobre as ideias de “Revolução Farroupilha” e seus “heróis”); programas de rádio e televisão focados na “cultura gaúcha”; atos cívicos (como cantar o hino rio-grandense em praticamente qualquer tipo de cerimônia, desde posses para cargos públicos até casamentos); e a intensificação de atividades relacionadas ao MTGⁱⁱⁱ e seus CTG’s^{iv}, como internadas artísticas, rondas campeiras, chama crioula, cavalgadas, rodeios, dentre outros, de acordo com Stumpf (2015).

O culto às tradições e o fervor bairrista^v dos sul rio-grandenses em relação ao gauchismo^{vi} certamente já existiam antes das décadas de 1980 e 1990, todavia é notável que foram imensamente fomentados, propagados e intensificados devido às celebrações do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, que, possivelmente, foram o propulsor dos movimentos separatistas sulinos recentes.

Isso se dá visto que, apenas cinco anos depois, em 1990, foi publicado um livro que seria um dos precursores contemporâneos do separatismo no sul do Brasil, de nome “*Vai*

ⁱⁱⁱ Movimento Tradicionalista Gaúcho. “O MTG é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica, conforme descreve simbolicamente o Brasão de Armas do MTG, com as sete (7) folhas do broto, que nasce do tronco do passado”. <http://www.mtg.org.br/o-que-e-mtg/>

^{iv} Centro de Tradições Gaúchas. Entidades vinculadas e associadas ao MTG.

^v Termo utilizado para descrever o sentimento daqueles que expressam adoração exagerada pelo seu lugar de nascimento, excluindo ou desprezando os demais lugares, de acordo com o *Dicionário Online de Português*.

^{vi} Conjunto de características e gostos que os sul-rio-grandenses atribuem a si mesmos, que vão desde sotaque e linguajar, festejos e comidas típicas, esportes, até supostas qualidades morais e éticas naturalmente ligadas aos nascidos no estado, segundo o *Dicionário Informal*.

nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho – União dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul”, escrito por Irton Marx. Alguns anos depois, em 1993, o movimento ganhou notoriedade nacional ao ser exibida uma matéria sobre ele em alguns programas de televisão aberta.

A matéria foi polêmica e controversa, gerando uma imagem negativa para o movimento e para a pauta separatista, pois críticos apontavam elementos racistas, xenófobos, e até mesmo alusões ao nazifascismo (HERTZOG, 2009). Movimentos posteriores passaram a alegar veementemente não possuírem qualquer ligação ou inspiração na República do Pampa Gaúcho^{vii}. No entanto, é possível perceber que se assemelham em diversos pontos no que diz respeito ao discurso empregado, tanto para trazer mais adeptos para a causa quanto para tentar validar suas falas utilizando da História.

Mais do que qualquer outra comunidade, as nações requerem para sua sobrevivência a construção de uma identidade coletiva, para contrabalançar os muitos elementos divergentes que todas têm de enfrentar. Essa identidade é uma construção composta de diferentes ingredientes, geralmente carregados com componentes altamente emocionais. A construção dessas identidades requer uma grande dose de “esquecimento” e de “erros históricos” (CARVALHO, 2022, p.1).

HISTÓRICO SEPARATISTA

Tratando-se de separatismo no Brasil, é praticamente inevitável não mencionar a Guerra dos Farrapos, tanto por ser a mais longa (1835-1845), quanto por ainda ser celebrada e exaltada em “terras gaúchas” (LUVIZOTTO, p.25, 2009). Tal revolta é utilizada hodiernamente como base para evocar sentimentos compatriotas que fomentam ideias separatistas, resgatando - diga-se, construindo - ideais farrapos dos revoltosos daquele período, criando paralelos com as situações pelas quais os separatistas sulinos lutam no final do século XX e início do século XXI em diante (RECH, p.14, 2017).

Ainda é importante considerar que as identidades regionais - no caso sulino - são construídas dessa forma, semelhante à identidade nacional, tendo a capacidade de serem facilmente utilizadas para reivindicar independência. Isso é evidenciado pelo surgimento atual de micronacionalismos, que ocorre em um contexto onde o Estado-nação enfrenta

^{vii} Irton Marx foi considerado *persona non grata* pela Câmara Municipal de vereadores de Porto Alegre (GERTZ, 1993).

dificuldades em desempenhar suas funções políticas e sociais designadas, ao mesmo tempo em que o internacionalismo está em declínio (THIESSE, 2002).

A partir dos anos 1990, os movimentos separatistas sulinos passaram a ter mais notoriedade, logo, mais simpatizantes e adeptos, o que acabou por trazer mais relevância à pauta separatista. Nota-se que em momentos de agitação ou instabilidade política regional ou nacional, com grupos e setores insatisfeitos com a figura ou partido que esteja no poder (geralmente aqueles tidos como “de esquerda”), é a ocasião em que a pauta separatista vem à tona e ganha força.

Recorrendo a um discurso bem elaborado e aplicado, é consideravelmente viável transformar mitos em realidade e construir costumes e/ou tradições (BOURDIEU, 1989). Um exemplo notável disso se dá na questão do hino sul rio-grandense e dos “heróis farrapos”, tidos como figuras quase sacrais, mártires de bravura, valentia, virilidade, honestidade, e tempestuosidade - “faca na bota”, marcas registradas do “povo gaúcho”, herdadas pela atual população do estado.

No contexto da grande revolução ideológica que começa, a nação é concebida como uma comunidade de nascimento, instituindo uma igualdade e uma fraternidade de princípio entre seus membros. A nação, diferentemente de um agrupamento da população definido pela sujeição a um mesmo monarca, coloca-se como independente da história dinástica e militar: ela preexiste e sobrevive a seu príncipe. O que constitui a nação é a transmissão, através das gerações, de uma herança coletiva e inalienável. A criação das identidades nacionais consistirá em inventariar este patrimônio comum, isto é, de fato, em inventá-lo (THIESSE, 2002, p.8).

A exemplo disso, há a figura de Bento Gonçalves, tido como herói máximo da Revolução Farroupilha, homem de fibra, incorruptível, sem defeitos, quase um santo, uma figura intocável da história do Rio Grande do Sul. Contudo, há algumas fontes que apontam que o próprio fez sua fortuna roubando gado nas estâncias e que ao morrer, deixou em seu testamento uma vasta lista de escravizados (GOLIN, 1983). Entretanto, a História vai na contramão à construção de mitos e heróis, pois baseia-se em fontes históricas das mais variadas possíveis. Porém, isso não impede que separatistas, principalmente os de grupos citados neste trabalho, construam seus heróis.

Ao forjar um herói, é possível identificar a natureza da personalidade e dos princípios mais profundamente valorizados por aquela sociedade, como um reflexo ou uma meta ser alcançada. A concepção de uma memória coletiva, de lendas e de figuras heroicas auxilia as nações - ou aquelas que se consideram como tal - a fomentar uma coesão emocional e um objetivo comum, estruturando acontecimentos do passado, conferindo sentido ao presente e a encarar com confiança o que estiver por vir (CARVALHO, 2003).

Os movimentos posteriores ao da República do Pampa tentaram deixar nítido que nada tinham a ver com a ideologia de Irton Marx, ou com ideologia alguma. Apesar das acusações de xenofobia, racismo e apologia ao nazi-fascismo, ainda assim posteriormente Irton candidatou-se e foi eleito vereador em Santa Cruz do Sul (2005-2008). Nem sua vida política nem seu movimento separatista tiveram êxito^{viii}, muito provavelmente devido a algumas declarações em seu livro, como:

Apesar de tolerada, a diversidade racial não deveria servir de fonte para a diversidade cultural: a existência de negros era diagnosticada por Marx como sendo um “problema racial” para a República do Pampa, o qual deveria ser solucionado com a seguinte receita: aculturação. Embora jamais tenha esclarecido de que maneira a “raça negra” seria assimilada, o autor santa-cruzense indica em seu livro algumas opções: “o negro deve partir para a busca de novos conhecimentos e abandonar costumes e hábitos puramente medievais [...] deve abandonar seus costumes e crendices e investir em uma cultura que o engrandeça e que não o prenda em sistemas ultrapassados;... deve aprender a ser mais caprichoso e a não jogar seu salário fora como em muitas ocasiões” (HERTZOG, 2009, p. 46).

Os grupos separatistas que surgiram posteriormente trataram desvincular sua imagem da República do Pampa Gaúcho abordando outros vieses. Um dos mais notórios é o movimento O Sul É O Meu País, que, baseando-se no princípio de autodeterminação dos povos (LIMA; VINHAS, 2018), tentou trazer Santa Catarina e Paraná para sua causa. Apesar do discurso de viés econômico, é nítido o uso do simbolismo para unir os três estados em uma causa única, pois baseiam-se nos mesmos ideais farrapos de outros movimentos, mas sem excluir os demais – catarinenses e paranaenses.

^{viii} Candidatou-se a deputado estadual no Rio Grande do Sul em 2010 pelo PL (na época PR), e em 2020 a prefeito de Santa Cruz do Sul, não sendo eleito em nenhuma das ocasiões. Apesar dos baixos números em suas candidaturas, disse que desejava concorrer a governador do RS nas eleições de 2022 – o que não ocorreu. Disponível em <https://www.gaz.com.br/irton-revela-vontade-de-concorrer-ao-piratini/>.

Ao invés de excluí-los, os agregam para aquela esfera, englobando-os em algo semelhante a uma “irmandade” de compatriotas, tentando uma construção identitária, como exemplo a alcunha “República das Araucárias” (HERTZOG, p. 66, 2009), visto que é algo característico de toda a região sul e presente nos três estados.

Hoje, é possível evocar uma nação simplesmente através de sua paisagem: a publicidade, os cartazes turísticos fazem isto regularmente. Se a leitura é geralmente imediata e sem ambiguidade, é porque uma codificação da natureza em termos nacionais foi conduzida no século anterior. O trabalho de elaboração da paisagem nacional é obra coletiva, conduzida tanto pelos poetas e romancistas como pelos pintores. Eles determinam, a partir dos recursos naturais, e através de uma estética coerente, visões carregadas de sentido e portadoras de sentimento (THIESSE, 2002, p.14).

AÇÕES E ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS

É complexo precisar quantos movimentos separatistas sulinos surgiram de 1990 em diante, pois em alguns casos não é possível encontrar nem sequer publicações (literárias ou teóricas), manifestos, ou cartilhas de diretrizes, ficando então as pesquisas restritas a perfis em redes sociais ou páginas na internet.

No entanto, alguns movimentos como a República do Pampa Gaúcho, Rio Grande Livre, e O Sul É O Meu País, podem dar bons indícios de como procederam para angariar militantes para suas causas, e conseguir relativo apoio e notoriedade nas regiões em que atuam. De maneira geral, apelam para a construção do discurso de que “nós” (sulinos) somos explorados por “eles” (restante do Brasil), apoiados na criação de simbolismos e discursos que, supostamente, validem suas ideias.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (BARROS, 1996, p. 156).

Os discursos são carregados de termos que aliam a questão da suposta exploração, junto com o da cultura sulista que é “diferente” das demais, mas deixa subentendido que pode ser interpretado como uma maneira de dizer que a cultura do sul é superior, inclusive menosprezando as demais, denotando xenofobia. Para termos uma noção breve e

exemplificada, segue o trecho do depoimento de um integrante do movimento Rio Grande Livre:

Eles (os paranaenses e catarinenses) não têm uma identidade deles. É o mesmo exemplo dos times de futebol. Eu morei em Santa Catarina e sei quantos flamenguistas tem lá. E quantos corintianos? Aqui é só gremista e colorado. Eu acho que falta identidade para eles. É essa identidade que nós temos, e acho que aí está a causa da inveja de muitos brasileiros e de muita gente de outros estados (HERTZOG, p. 54, 2009).

Palavras e termos impactantes são recorrentes nos discursos dos movimentos, possivelmente para chamar atenção à sua causa e comover, ou então despertar um fervor patriótico naqueles que vivem na região sul, estando presentes nos manifestos e cartilhas dos movimentos^{ix}. Apesar de haver diferenças particulares entre os sulinos a respeito dos motivos para uma separação (Rio Grande Livre foca nas diferenças culturais e O Sul É O Meu País na questão econômica), é comum aparecer em seus discursos palavras como opressão, exploração, libertação, Império Brasileiro^x, independência, dentre outras, que buscam justificar uma separação.

Na maioria das vezes, os discursos são simples e pouco explicativos, pois a intenção é serem impactantes, apelativos e repetitivos, para atrair o maior número possível de adeptos. Por isso, a construção dessas ideias “não consiste unicamente na elaboração de novas referências coletivas: ela está acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico para que parcelas cada vez maiores da população as conheçam e nelas se reconheçam” (THIESSE, 2002, p.8).

Surgido nos anos 1990, mas tendo adquirido forma e notoriedade nos anos 2000, O Sul é o Meu País tentou manter-se longe de temas polêmicos como ideologias, etnias, e principalmente características que em algo lembrassem xenofobia (embora, se analisados mais detalhadamente é possível perceber isso em seus discursos). Optaram por abordar um viés puramente econômico como sua principal meta, visto que o Sul estaria sendo explorado

^{ix} Podem ser acessados nas páginas que os grupos mantêm na internet (O Sul É O Meu País é um dos únicos que ainda mantém website, sendo www.sullivre.org o endereço, já o restante se limita às redes sociais – Facebook e Instagram, que podem ser acessadas pesquisando pelos nomes dos movimentos).

^x Acompanhando postagens dos grupos em redes sociais, não é raro encontrar membros ou simpatizantes referindo-se ao executivo brasileiro e ao Distrito Federal como “Império Brasileiro”, visto que para os separatistas o sul é tratado como uma colônia ou província.

por Brasília, dando muito e recebendo pouco, no que diz respeito à arrecadação de tributos, segundo o grupo.

Pessoas ligadas à economia, direito, política, dentre outras áreas, perceberam a inviabilidade do projeto e o equívoco em relação ao que o novo país se tornaria, pois atestaram que apenas a região sul não conseguiria – economicamente - se equiparar ou superar o Brasil (como propagandeiam os separatistas), sendo, segundo eles, apenas um discurso de ódio disfarçado de exploração econômica e diferenças culturais latentes (MARTINS; MENEZES, 2017).

Dos diversos grupos separatistas que se organizaram no Rio Grande do Sul, poucos foram além de consultas populares informais, distribuição de panfletos, adesivos, e palestras em eventos específicos^{xi}, não conseguindo levar adiante a pauta separatista. Por outro lado, o movimento O Sul É O Meu País resolveu pôr à prova suas ideias e testar a efetividade de seus discursos.

Em 2016 e 2017 organizaram um plebiscito, que, devido a sua inconstitucionalidade, teve caráter apenas especulativo acerca das intenções da população que vive na região sul. A pergunta feita era se o eleitor desejava que Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina formassem uma nova nação independente, nomeando o plebiscito como PLEBISUL^{xii}. A seguir, Braga (2018) explana detalhadamente os motivos pelos quais é ilegítimo tanto o plebiscito quanto uma eventual separação.

Há quem defenda a impossibilidade de tal pretensão, como Feldens (2016) que afirma que o art. 1º da Constituição Federal já prevê a indissolubilidade da união dos seus entes federativos:

- Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: (Brasil, 1988).

Dessa forma não seria possível a dissolução, ainda que mínima, sendo o artigo considerado uma cláusula pétrea, impassível de alteração por Emenda à Constituição, conforme o art. 60, 4º, I, CF/88:

Assim, A CONCLUSÃO a que se chega, a princípio, é que não existe a possibilidade de qualquer região brasileira obter sua independência, pois é

^{xi} Temos como exemplo o movimento Rio Grande Livre, que normalmente realizava encontros abertos em eventos ligados à celebração da tradição gaúcha como CTG's e rodeios, ou então em lugares tradicionais de Porto Alegre como a Usina do Gasômetro e o Parque Farroupilha (HERTZOG, p.17, 2009).

^{xii} Consulta popular informal organizada e financiada pelo movimento, sem valor legal, com urnas espalhadas em municípios dos três estados da região sul (fonte: <http://sullivre.org>).

inconstitucional. A defesa dos ideais separatistas por si só, não caracteriza crime ou ilegalidade, pois a Constituição garante no seu art. 5º a livre manifestação do pensamento. No entanto, ao se produzir conduta para que o ato separatista seja concretizado, tal fato é considerado crime contra a segurança nacional, conforme prevê o art. 11 da lei 7170/1983 (BRAGA, 2018, p. 14).

Apesar da inconstitucionalidade do PLEBISUL e da baixa adesão geral de eleitores dos estados da região sul, é de se considerar não somente o número de pessoas que foram votar^{xiii}, mas também o motivo que levou cidadãos comuns deixarem suas residências, se deslocarem até os locais de votação, e optarem pela separação da “nação sulista” do restante do Brasil.

A sensação de pertença ao lugar, através deste duplo entremeado de subjetividades que envolve simultaneamente a identificação com o lugar e a impressão de sua continuidade no espaço-tempo – pode atingir distintos níveis de amplitude, que vão da vizinhança ou do bairro à pequena localidade, daí à cidade ou à área rural e assim sucessivamente, até atingir lugares maiores como o estado, o país, o continente, o planeta! Todos estes são certamente lugares, os quais são investidos de diferentes tipos e níveis de afetividade, de intimidade, de sentir-se dentro (BARROS, 2022, p. 25).

O objetivo dos organizadores era atingir um milhão de votos e assim então chamar a atenção do congresso nacional para cogitarem um possível plebiscito, dessa vez, constitucional. De maneira geral, um número relativamente alto de pessoas^{xiv} engajaram-se na causa deslocando-se de seus lares até as urnas para votar em prol da separação. Vale ressaltar que o voto era facultativo. Possivelmente, a maneira como construíram seu discurso de “libertação” tenha sido um dos motivos para levar tantas pessoas a votarem. Segue abaixo as tabelas com o resultado^{xv} das votações:

^{xiii} Segundo dados disponibilizados pelos próprios organizadores do evento (que, vale lembrar, foram os únicos que puderam apurar os votos), em 2016 cerca de 615 mil pessoas votaram, e em 2017, houve 365 mil votantes. Disponível em <https://www.osuleomeupais.org/plebisul/>.

^{xiv} Além do número de votantes ser relativamente alto, o número de voluntários envolvidos com a realização da votação também foi. Cerca de 11 mil voluntários nas três regiões contribuíram para a realização do PLEBISUL. Disponível em <https://www.osuleomeupais.org/plebisul/>.

^{xv} Disponível em <https://www.osuleomeupais.org/plebisul/>.

Resultado do Plebisul – 2016

Estado	Votos SIM	%	Votos NÃO	%	Participação Absoluta	Eleitores Registrados	Participação Relativa
PR	21.361	88,82	2.690	11,18	24.051	7.869.450	00,31
RS	311.356	97,21	8.924	02,79	320.280	8.362.830	03,83
SC	257.947	94,63	14.639	05,37	272.586	4.985.048	05,47
Total	590.664	95,74	26.253	04,26	616.917	21.217.328	02,91

Resultado do Plebisul – 2017

Estado	Votos SIM	%	Votos NÃO	%	Participação Absoluta	Eleitores Registrados	Participação Relativa	Variação Relativa com o ano anterior
PR	73.332	94,08	4.615	05,92	77.947	7.869.450	00,99	+224,09
RS	180.329	97,16	5.263	02,84	185.592	8.362.830	02,22	-42,05
SC	96.972	96,28	3.745	03,72	100.717	4.985.048	02,02	-63,05
Total	350.633	96,26	13.623	03,74	364.256	21.217.328	01,72	-40,96

Em ambos os anos em que foi realizado o PLEBISUL, o SIM pela separação superou os 85% nas três regiões. Todavia, é importante mencionar que os dados informados, a contagem, apuração e divulgação dos votos foi feita única e exclusivamente pelo grupo O Sul É O Meu País. Insatisfeitos com os resultados de 2016, tentaram outra vez em 2017, entretanto o resultado foi inferior ao ano anterior. O SIM prevaleceu, beirando os 90%, contudo a quantidade de votantes em 2017 foi praticamente a metade de 2016, o que ocorreu, segundo eles, devido a “mídia em geral não apoiar^{xvi} o movimento”. Posteriormente não ocorreu mais nenhum PLEBISUL.

^{xvi} Em uma pesquisa feita no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo nos dois jornais mais expressivos da cidade – Diário da Manhã e O Nacional – apenas o primeiro fez menção do movimento, mas somente nos dias de votação do PLEBISUL (01 de outubro de 2016 e 07 de outubro de 2017), e em matérias de no máximo uma página. Já o segundo, nem sequer mencionou a votação, tampouco o grupo. Em redes de televisão aberta, nenhuma matéria foi encontrada na internet ou sites de emissoras. O máximo que foi encontrado foram reportagens em canais pequenos do Youtube e com poucas visualizações

Em trabalhos futuros envolvendo a presente pesquisa, será abordado a questão do esmorecimento da causa separatista, que, a princípio, coincide com o declínio de governos de esquerda e ascensão dos de direita (vale lembrar que nos idos da década de 2010 a instabilidade política pairava sobre o país, com as Grandes Manifestações de 2013, impeachment da presidente em 2016, insatisfação generalizada com o vice que assumiu, e um representante da direita conservadora despontando como salvação para as eleições presidenciais seguintes).

Distante do Sul É O Meu País, tanto temporalmente quanto em organização e número de integrantes, outro movimento digno de nota é o Rio Grande Livre. Continuaram em uma linha ideológica semelhante a de Irton Marx, no que diz respeito a focar o separatismo exclusivamente na “questão gaúcha”. É nítida a inspiração nos “ideais farrapos”, com sua grande maioria de membros sendo jovens de 20 a 30 anos, com pensamentos alinhados ao tradicionalismo e a vida “campeira^{xvii}”, mas oriundos de centros urbanos (HERTZOG, p. 50, 2009).

Deixaram de lado, ao menos explicitamente, ideias racistas, mas era latente seu enfoque nas diferenças culturais entre as regiões, das quais julgavam sendo melhores as sul rio-grandenses – com certo desprezo às demais, remetendo a algo que assemelha-se consideravelmente à xenofobia. Acabou por atrair um nicho bastante específico, mas não obteve relevância e notoriedade, pois, dentre outros motivos, excluía todos aqueles que não fossem vinculados ao “gauchismo”, tendo, segundo organizadores do movimento, 500 integrantes^{xviii}.

O Rio Grande tem sua cultura, e sua anti-cultura (a cultura brasileira impregnada através de anos de dominação). Mas e Santa Catarina? Não teria Santa Catarina, da serra para o Leste, já um povo de comportamento diferenciado do gaúcho? E o mesmo não ocorre com o Paraná, inclusive em maior escala, pois como sabemos o norte do Paraná está mais para paulista do que paranaense mesmo! - Que dirá então para gaúcho?! (HERTZOG, 2009, p.54).

^{xvii} Modo de viver relacionado ou pertencente ao campo, no sentido de trabalhos pecuários e afins, segundo o *Dicionário Online de Português*. Popularmente para os sul rio-grandenses, o campeiro e o gaúcho são as mesmas figuras, sendo meio que sinônimos.

^{xviii} Dado referente a 2009, ano em que foi publicado o trabalho de Hertzog. Em anos mais recentes, não foram obtidos novos dados devido à carência de fontes – não foram encontrados mais materiais produzidos pelo movimento e suas páginas em redes sociais não são atualizadas desde 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ideais separatistas fomentados pela construção de sentimentos de unidade regional, identidade e pertencimento (além de um sentimento de superioridade velada), contribuíram para a criação não só de movimentos separatistas, mas também para a fundação de um partido político que buscava meios legais e viáveis de concretizar a secessão.

Em 1990 foi criado o PRF – Partido da República Farroupilha, fundado por um grupo de sul rio-grandenses e catarinenses desejosos de sustentar os ideais de autodeterminação da região sul, e dar continuidade ao ímpeto farrapo de 1835. Além disso, defendiam o direito de que qualquer região que tenha condições e vontade de se separar do Brasil, pudesse fazê-lo, visto que o sistema federativo brasileiro, segundo os integrantes do partido, não havia dado certo (RECH, p. 23, 2017).

Controvérsias e incoerências à parte, posteriormente, o partido foi cassado e posto na clandestinidade, mas, mesmo assim, é possível perceber como a construção de discursos, aliados a imagens e símbolos (também construídos), podem acabar por legitimar uma causa e convencer parcelas populacionais a abraçarem ideologias separatistas e tornarem-se favoráveis à secessão.

[...] faltou nação a nosso Estado-nação inaugurado em 1822. Em consequência, o próprio Estado se viu castrado em sua capacidade mobilizadora, inclusive a de criar mitos. As novas formas de organização social que despontam no horizonte indicam tanto a redução do poder do Estado como o enfraquecimento da identidade nacional. Em seu lugar, surge o fortalecimento da sociedade e das identidades subnacionais. A incompletude de nosso Estado-nação poderia ser vista pelos otimistas dentro da perspectiva das vantagens do atraso. Outros poderiam argumentar que tal perspectiva talvez não passe de mais um truque que temos para conviver com nossas mazelas (CARVALHO, 2003, p. 13).

As fontes sobre estes movimentos e grupos são relativamente escassas, pois apenas recentemente é que mais pesquisas foram publicadas, sendo que boa parte dos materiais é de autoria dos próprios intelectuais que integram os movimentos separatistas, e a aquisição desses é um tanto dificultosa. Contudo, nas últimas décadas, principalmente de 2010 adiante, uma “nova fonte” pôde ser estudada: a internet e as redes sociais.

Muito sobre esses movimentos pode ser encontrado em páginas na internet, blogs, e de 2015 em diante, principalmente em redes sociais^{xix} (Facebook, Instagram e “Twitter”). Os motivos das novas formas de divulgação são variados, mas um dos principais é a questão do alcance e abrangência, da qual podem expandir seus ideais e levar para um número muito maior de pessoas do que com livros, palestras e afins. Além disso, outro fator que essas fontes proporcionam é a possibilidade de análise não só de seus intelectuais ideólogos, mas também de integrantes, simpatizantes, indecisos, e opositores aos movimentos^{xx}.

Em tais postagens, é possível notar que apesar de já elaborado, o discurso separatista ainda não está totalmente construído^{xxi} (BOURDIEU, 1989), pois, segundo os próprios simpatizantes e apoiadores, apresenta diversas lacunas. Surgem questões de qual idioma será o oficial da nova nação, com alguns apoiadores sugerindo inglês para se adaptar ao eixo global vigente; outros apontando o alemão, devido à presença de colonização germânica no estado – que em diversos pontos, ainda que timidamente, indicam um ar de superioridade.

Individualmente, há sugestões de idiomas como italiano, gauchês^{xxii}, dentre outros, e quase sempre ficam sem respostas que venham diretamente dos intelectuais responsáveis pelo movimento e pelo perfil da página. Isso denota que, apesar de se apropriarem de discursos separatistas e uma simbologia que gere unidade, inspire poder, identidade e sentimento de “nós” e “eles”, não contempla todos os âmbitos (OLIVEN, 1992).

Por mais que o separatismo sul brasileiro seja uma pauta antiga, desde que ressurgiram em tempos recentes, de 1990 para cá, tinham pouca força, relevância, e

^{xix} Dentre todas as redes sociais mencionadas, apenas o grupo O Sul É O Meu País mantém perfis ativos, no Facebook e Instagram, sendo que no Twitter (nome antigo da rede) há apenas pessoas vinculadas ao movimento que o divulgam. Em relação aos demais movimentos, há postagens de mais de 10 anos, sem engajamento expressivo ou manifestações atuais. No Facebook e Instagram foram constatados alguns perfis vinculados aos movimentos, mas tratam-se de indivíduos, não de grupos (mesmo assim, estão sendo monitorados no intuito de estudo).

^{xx} Observando publicações, engajamentos, “curtidas” e “comentários”, é possível traçar parâmetros e analisar discursos e símbolos utilizados para propagandear o separatismo sulino.

^{xxi} Os movimentos separatistas da região sul do Brasil (em especial o Sul É O Meu País) contam com grupos de estudos e grupos jurídicos que buscam meios legais de validar seus ideais, e também suas supostas teses que justificam a separação com o Brasil e a formação de um país independente. Desses grupos de estudos, intelectuais, em conjunto ou individualmente, publicam livros onde expõe suas ideias e motivos separatistas, e na maioria das vezes também elucidam de que maneira seus projetos poderiam ser viáveis e realizados.

^{xxii} Pelo que se pôde notar, trata-se de transformar o jeito dos sul rio-grandenses falarem (sotaque e/ou dialeto) em um novo idioma oficial. É possível notar permeando entre os membros e simpatizantes um sentimento de antibrasileirismo, pois praticamente ninguém demonstra apoiar a manutenção da língua portuguesa, sendo mais fácil encontrar comentários desejando aboli-la.

capacidade organizacional, dificilmente mobilizando mais que algumas centenas de apoiadores. No início da década de 2010 é que começaram a chegar nos milhares de integrantes, que coincide com os períodos de crises e agravamentos da rejeição aos partidos e governos de esquerda.

Em trabalhos futuros será feita uma pesquisa mais aprofundada da possível ligação da diminuição no engajamento separatista sulino, com a ascensão dos partidos políticos da direita conservadora ao poder, visto que, em ambas as situações, há uma forte rejeição a partidos e movimentos de esquerda, e de como a política nacional impacta a regional e local.

No Brasil, país de dimensões continentais, a dinâmica das expressões História Local/História Regional, conforme se vê, também pode ser utilizada para estabelecer essa relação entre espaços menores e espaços maiores, que os integram. Esses usos passam por decisões dos próprios historiadores envolvidos nesses estudos (BARROS, 2022, p. 51).

Em períodos de polarização e instabilidade política, intolerância e negacionismo, a função do historiador torna-se ainda mais necessária do que usualmente, pois muitos movimentos separatistas aproveitam-se desses períodos e utilizam a História como ferramenta para distorcer fatos, eventos, processos, manipulando em prol de suas causas. Contudo, há mais do que isso presente em seus discursos, geralmente tendo ideias dicotômicas, e sentimentos de nacionalismo (no caso, regionalismo) exacerbado, xenofobia, e em alguns casos, até mesmo racismo.

Em sites públicos e em páginas de redes sociais, publicam Manifestos e Cartas com os ideais separatistas de maneira mais branda, consideravelmente menos explícita que em seus livros próprios, mas mesmo assim, há diversos pontos dignos de nota: a inconstitucionalidade dos movimentos e suas intenções, a distorção de fatos e eventos históricos, e a tentativa de evocar sentimentos de superioridade e uma aversão ao outro (Brasil). Logo, a presente pesquisa se justifica para auxiliar a compreender de que maneira grupos separatistas podem vir a utilizar tais artifícios, para então, se necessário, desconstruí-los.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARROS, José D'Assunção. História local e história regional – a historiografia do pequeno espaço. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 22-53, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.57694>.

BARROS, José D'Assunção. História Política: O estudo historiográfico do poder, dos micropoderes, do discurso e do imaginário político. Vol. 4 – Nº, UFF, 2009.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BRAGA, Edival (org). FIN, Gabriel Granjeiro. MELO, Joel de Oliveira. BRÍGIDO, Paulo Augusto da Silva. Movimentos separatistas no Brasil e na Espanha: Uma análise constitucional. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2018.

CARVALHO, José Murilo (2003). “Nação Imaginária: memória, mitos e heróis”. In: NOVAES, Adauto. (org). A crise do Estado-nação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 359 – 419.

DEUCHER, Celso. Sul Livre. Sem editora, 2006.

GERTZ, René. Separatismo e anti-razão. Porto Alegre: FEE, vol. 21, nº 3, 1993.

GOLIN, Tau. Bento Gonçalves: O Herói Ladrão. Santa Maria: LGR Artes Gráficas, 1983.

HERTZOG, Werner Bergamin. Nacionalismos do Sul: Uma análise antropológica dos debates sobre nacionalismos e regionalismos promovidos por dois grupos separatistas da região sul do Brasil. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

LIMA, Stella Aparecida Leite. VINHAS, Luciana Iost. O funcionamento do discurso na ideologia separatista: uma análise de um texto vinculado ao movimento O SUL É O MEU PAÍS. Caderno de Letras, nº 32, 2018.

LUVIZZOTTO, Caroline Krauz. Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARX, Irton. Vai nascer um novo país: A República do Pampa Gaúcho – União dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Excelsior, 1990.

MENEZES, Cristiane Penning Pauli de. MARTINS, Matheus Denardi Paz. As veias abertas do movimento “O Sul é o Meu País”: as novas tonalidades do discurso de ódio no Brasil. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Santa Maria: UFSM, 2017.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

O SUL É MEU PAÍS. Manifesto libertário. Disponível em: <http://www.sullivre.org/manifestolibertario/>. Acesso: em 18 jul. 2020.

RECH, Fernando Luís. Políticas identitárias e o uso do passado no movimento separatista “O SUL É O MEU PAÍS” (1992-2017). Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017.

STUMPF, Glauce. A comemoração do sesquicentenário da Revolução Farroupilha: mediações de uma memória farroupilha. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

THIESSE, Ane-Marie. Ficções Criadoras – As identidades nacionais. Anos 90. Porto Alegre: n. 15, 2001/2002, p. 7 – 24.